



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

INCLUSÃO: SUPERANDO BARREIRAS

Khalynca dos Santos Guidotti Machado

PELOTAS, RS, Brasil

2010

INCLUSÃO: SUPERANDO BARREIRAS

por

Khalyнца dos Santos Guidotti Machado

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

PELOTAS, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

INCLUSÃO: SUPERANDO BARREIRAS

elaborado por
Khalynca dos Santos Guidotti Machado

como requisito parcial para obtenção do grau de
***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos***

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª Ms. Sandra Suzana Maximowitz Silva

(Presidente/Orientador)

Profª Ms. Carla Tatiana Zappe

Profª Ms. Eliana da Costa Pereira de Menezes

PELOTAS, RS, Brasil

2010

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

INCLUSÃO: SUPERANDO BARREIRAS

AUTOR: KHALYNCA DOS SANTOS GUIDOTTI MACHADO
ORIENTADOR: SANDRA SUZANA MAXIMOWITZ SILVA
PELOTAS,RS

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa, realizada com alguns professores, através da qual se buscou identificar as barreiras que se interpõem na prática docente, a fim de que as mesmas possam ser minimizadas. Partindo do pressuposto que a prática docente deve congruir para o entendimento de uma proposta inclusiva é que as experiências que estão sendo vivenciadas, construídas e (re) construídas no cotidiano escolar, em uma escola municipal de ensino fundamental de Pelotas/RS, foram o foco principal nesse trabalho. Os resultados obtidos na minha pesquisa apontam que a prática da política da inclusão escolar não condiz com a teoria, pois a falta de preparo dos professores, bem como a falta de recursos para a nova proposta educacional apresentam-se como um problema. Foi também possível constatar a angústia dos professores frente ao comportamento de alguns alunos com necessidades educacionais especiais, visto que encontram barreiras (metodológicas, atitudinais e arquitetônica) que se interpõem no processo inclusivo. Além da formação profissional, os professores escutados foram unânimes em apontar como obstáculo ao processo de inclusão a inexistência de uma equipe interdisciplinar. Consideram que o apoio desta, possibilitaria um trabalho mais significativo, ressaltando a importância de reuniões que desencadeiem um processo coletivo, na perspectiva de fortalecer o processo educacional. Através das análises das respostas obtidas, foi possível observar que para que o processo de inclusão se efetive, é imprescindível uma reflexão profunda sobre alternativas inclusivas para educação e não somente para a escola, pois não bastam apenas teorias, é necessário articulá-las na realidade escolar, bem como na experiência profissional de cada educador. Urge que haja um trabalho interdisciplinar na escola, que os professores mantenham trocas de experiências entre a teoria e a prática cotidiana em sala de aula, que encarem a política da inclusão escolar como o novo e único paradigma da educação

Palavras- chave: inclusão; professor; prática

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------|-----------|
| 1 APRESENTAÇÃO | 05 |
| 2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO | 07 |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 08 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 12 |
| 5 REFERÊNCIAS | 15 |

1 APRESENTAÇÃO

Com a política da inclusão, a educação especial tem sido um tema muito discutido nas escolas; estamos diante de uma questão de suma importância, que é o processo inclusivo e o desenvolvimento dos sujeitos com Necessidades Educacionais Especiais.

Muitos pesquisadores se dedicam a estudar a política da inclusão em sua integralidade, comemorando uma conquista no que diz respeito à educação, o que realmente não deixa de ser.

No entanto, ao trabalhar com a inclusão pode perceber que apesar de tantas propostas inclusivas, ainda há barreiras a serem destruídas, pois muitas vezes os alunos não são atendidos conforme suas necessidades. A educação inclusiva é um desafio a ser enfrentado e para que seja superado é necessária uma investigação a fim de repensar de forma crítica as práticas pedagógicas adotadas na escola.

Nesse sentido

Esse conceito de inclusão envolve um repensar radical da política e da prática, reflete um jeito de pensar fundamentalmente diferente sobre as origens da aprendizagem e as dificuldades de comportamento. Em termos formais, estamos falando sobre uma mudança da idéia de defeito para um modelo social (MITTLER, 2003, p:23).

Assim, para assegurar a igualdade de oportunidades de todos os alunos é necessário que a escola encare a inclusão como sendo o único modelo de educação e que este envolve diversidade.

De modo geral, a política inclusiva espera que a escola cumpra o papel de acabar com os estigmas que envolvem a educação especial, bem como oportunizar, a todos os alunos, uma educação de qualidade, garantindo o direito de igualdade e oportunidades. Percebo que esta expectativa em relação à escola é muito forte e para os deficientes é uma vitória, principalmente para aqueles que vêm na escola o único caminho para uma ascensão social. O ingresso no ensino regular seria a grande oportunidade oferecida a todos para eliminar muitas desigualdades sociais.

Sabemos que o direito de freqüentar a escola é garantido por lei e a política inclusiva torna a escola supostamente aberta para todos independente de classes sociais e de condições físicas, porém as teorias se diferem da prática. O que quer

dizer que a realidade das escolas públicas, especialmente a localizada na periferia dos grandes centros urbanos ou da zona rural se impõem inúmeras dificuldades de continuidade aos estudos, o que vem impedindo que esse direito seja garantido.

Em consonância com minha prática em AEE (Atendimento Educacional Especializado) verifiquei que muitos professores ainda encontram dificuldades no que diz respeito a compreensão do processo inclusivo dos sujeitos com necessidades educacionais especiais e penso que poucos estudos têm sido realizados com o foco centrado no sucesso escolar dos mesmos, pois desde que cursava Pedagogia, em 1995, ao buscar textos referentes a esse assunto, pouco encontrei.

Este trabalho tem como objetivo identificar as barreiras que se interpõem na prática dos professores a fim de que as mesmas possam ser minimizadas.

Espero que o tema impulse uma mobilização em prol de novas práticas que possam sanar as necessidades dos envolvidos no novo processo ensino aprendizagem inclusivo.

A política da inclusão implica uma gestão escolar participativa e descentralizada, cuja receptividade à inovação seja significativamente valorizada.

Acredito que este seja um momento de criarmos novas teorias baseadas em novas práticas, já que prática e teoria são indissociáveis, o profissional da educação deve procurar ser criativo, praticar o que acredita que dará certo, inovar na educação. É fundamental que o professor acredite em seus alunos e respeite as limitações naturais de cada um.

2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Para a seguinte pesquisa foi realizada, através de métodos qualitativos, uma investigação de como se dá a prática da política inclusiva em uma escola municipal da periferia de Pelotas/RS.

Os interlocutores foram doze professores da referida escola, os quais foram acompanhados mediante entrevistas semi-abertas.

Por que estas, “ao mesmo tempo em que valorizam a presença do pesquisador, oferecem todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a pesquisa” (TRIVINÕS, 1987, p.146).

Este tipo de instrumento tornou a entrevista um momento de recíproca interação entre entrevistador e entrevistados, num clima informal, onde as informações se deram de forma natural.

As conversações foram transcritas e analisadas com o apoio da bibliografia já referida.

As questões norteadoras que compuseram a entrevista semi-aberta estão discriminadas a seguir: Como tu vêes a inclusão na tua escola? Encontras dificuldade para atuar como professor inclusivo? Comente sobre teu trabalho:

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que as escolas sejam verdadeiramente inclusivas, ou seja, abertas à diversidade, há que se reverter o modo de pensar, e de fazer educação nas salas de aula, de planejar e de avaliar o ensino, de formar e aperfeiçoar o professor, especialmente os que atuam no ensino fundamental. Entre outras inovações, a inclusão implica também em uma outra fusão, a do ensino regular com o especial e em opções alternativas/ aumentativas da qualidade de ensino para os aprendizes em geral (BELISÁRIO, 2005, p.174).

Essas palavras nos despertam para o desafio que os professores vem enfrentando: o de colocar em prática os objetivos da educação inclusiva. Para que esta conquista seja possível a escola deve procurar estar em condições necessárias para oferecer uma educação de qualidade, qualidade que supõe além de recursos materiais e organização arquitetônica, um preparo dos professores.

Os professores têm encontrado dificuldades significativas para trabalharem com os alunos com necessidades educacionais especiais, pois tal trabalho exige uma transformação nas práticas pedagógicas, o que necessita de tempo e preparo.

De acordo com Mittler (2003, p. 25):

[...] inclusão envolve um repensar radical da política e prática e reflete um jeito de pensar fundamentalmente diferente sobre as origens da aprendizagem e as dificuldades de comportamento. Em termos formais, estamos falando sobre uma mudança de idéia de defeito para um modelo social.

Observa-se nessa concepção que o modelo tradicional de educação é ultrapassado e que se não houver um repensar consciente de todos os envolvidos com a educação, os discursos inclusivos continuarão apenas no papel.

Stainback & Stainback (1999, p. 44), colabora acrescentando que:

O fim gradual das práticas educacionais excludentes do passado proporciona a todos os alunos uma oportunidade igual para terem suas necessidades educacionais satisfeitas dentro da educação regular. O distanciamento da segregação facilita a unificação da educação regular e especial em um sistema único.

Desse modo, o trabalho docente é uma ação extremamente complexo e reconhecer essa complexidade, bem como os limites da receptividade das diferenças individuais são barreiras que devem ser suprimidas para que se consiga

lidar com a idéia e proposta de currículo flexível, pois a inclusão escolar deve ser concebida e praticada como valor, e não somente como uma exigência legal. Se a inclusão for vista pelos professores, apenas como sendo um conjunto de regras, constado em lei, dificilmente terão sucesso em sua prática, já que a inclusão escolar nos transporta a mudanças de paradigmas.

Contudo Almeida (2003, p.193) nos lembra que:

Mudar concepções já cristalizadas em nome de outro modelo de educação não é tarefa simples e fácil, sobretudo quando essas mudanças vão beneficiar pessoas que foram historicamente injustiçadas, marginalizadas e excluídas da sociedade, e, em consequência, da escola.

Sendo assim, é essencial que os professores não vejam os alunos com necessidades educacionais especiais apenas pela sua deficiência, mas como sujeitos que estão buscando valorização, respeito, crescimento e oportunidades, assim como os demais. A educação inclusiva é uma forma de integrar na sociedade, pessoas que há muitos anos, sofreram e/ou sofrem preconceitos, devido aos estigmas que a sociedade criou.

A respeito da integração, Glat lembra algumas das muitas dificuldades apontadas para que a integração de deficientes no ensino regular não se efetive. Entre elas está “o despreparo profissional, o número excessivo de alunos nas salas de aula, as dificuldades de aprendizagem, a questão que a própria sociedade criou, a avaliação, a descontinuidade dos programas, etc.”. (GLAT, 1995, p. 13).

Mantoan (SNT) colabora, acrescentando “o temor dos pais das crianças “normais” de que a instituição escolar rebaixe os padrões de ensino, para conceder aos deficientes a possibilidade de participar da escolarização normal e de que há contágio de comportamentos inconvenientes”.

Esse pensamento demonstra que acolher a diversidade exige não só mudança na prática docente, mas também um projeto de escola que envolva a comunidade educacional. Com este, a escola poderá envolver todos os alunos num currículo global, objetivando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem o qual eles têm direito.

Considerando que o projeto de escola possa ser um objeto de reflexão por parte de todos os envolvidos na educação, há muito ainda a se desvelar no caminho da diversidade na escola.

Apesar de inúmeros obstáculos que se interpõe a política da inclusão, a prática docente é a meu ver, o maior desafio da educação inclusiva.

Os professores ainda se sentem despreparados, mesmo após já terem tido alunos com necessidades educacionais especiais. O professor que queira atingir um nível de competência profissional que condiz com a de um educador realmente preparado para atuar no novo conceito de educação, deve levar em conta a dimensão de totalidade que a mesma está envolvida.

Segundo Franco (1995, p. 88):

É um marco importante quando o professor passa a compreender que o que ele ensina jamais garante aquilo que o seu aluno aprende, e que este tem um processo próprio (que pode ser pessoal) de construção da aprendizagem. Portanto, esse processo de aprendizagem tem que ser constantemente acompanhado e avaliado, de modo que, a partir daí, seja construída e reconstruída a tarefa de ensinar.

Os professores estão acostumados às receitas, às fórmulas certas, às teorias divulgadas e que dificilmente vão se prestar inteiras para o momento e a clientela que formam o nosso grupo atual, porque cada aluno tem a sua maneira de ser e as “fórmulas”, depende de cada professor, pois elas nunca são exatamente iguais e vale lembrar que teorias não são receitas encontradas como idéia de um único autor. As teorias são ótimas para abrir caminhos, mostrar horizontes, sempre à nossa vista, nunca ao nosso alcance. A melhor teoria é aquela que nos deixa seguro e mostra bons resultados e vamos encontrá-la extraíndo na prática, a essência, que se junta à nova prática, para quem sabe um dia nascer nova teoria. Mesmo que se sinta a necessidade de uma teoria para firmar os pés, a cabeça deve estar atenta e a atenção adaptável aos chamados de hoje, no meio ambiente em que estamos inseridos, como agentes transformadores, desta sociedade para um mundo melhor.

Se pararmos para pensar, nunca houve na educação, e nem haverá, uma turma homogênea, os professores sempre trabalharam com a diversidade. Os alunos apresentam comportamentos e ritmos próprios que se diferenciam uns dos outros.

Parece que o que gera angústia é o termo Inclusão, pois na verdade o que muda com esta nova política é que os alunos que antes freqüentavam classe especial agora têm o direito de freqüentar uma classe regular. As deficiências se diferem em suas particularidades, e estes alunos que são alvo da política da

inclusão dependem de alguém que esteja disposto a recebê-los, alguém que acredite nas suas potencialidades e que junto com eles queiram aprender. Assim é que surgirão novas práticas. No criar e recriar baseado nas teorias já conhecidas, que surgiram da prática e que se fizeram conhecer pela confiança e sucesso do resultado.

Inclusão não significa incluir alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e sim oferecer qualidade de ensino para todos os alunos, independente de ter ou não deficiência, visto que a educação é direito constitucional. É romper barreiras.

Embora, em termos de ingresso de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular, tenhamos avançado consideravelmente, parece faltar muito para que tudo o que consta na lei, seja realidade. A política de educação inclusiva está sendo um desafio para a educação e como todo desafio, deve ser enfrentado com a certeza de ser superado.

Como lembra Mittler (2003, p.27) “A essência da inclusão é que deve haver uma investigação sobre o que está disponível para assegurar aquilo que é relevante e acessível a qualquer aluno”.

Desse modo, os professores devem procurar conhecer as possibilidades de aprendizagem de cada aluno, os fatores que a favorecem e as necessidades e dificuldades deles.

De acordo com Mantoan (1989, p.157):

Como que num jogo interindividual, o professor construtivista acompanha a turma. Para tantos alunos, tantos desafios, tão diferentes quanto específicos e nada além do que possa provocar respostas ativas, reações originais, modos próprios de agir, pensar, decidir e atuar frente à vida. A leitura da realidade pelo aluno é condição básica a partir da qual o professor vai estabelecer seus planos, no sentido de oferecer-lhe as melhores opções para atingir um dado objetivo.

Tudo isso pode levar a adoção de novas práticas pedagógicas, fazendo com que a falta de preparo deixe de ser desculpa para a realização de um trabalho significativo em sala de aula, despertando o interesse dos alunos para a aprendizagem.

ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei minha pesquisa, pensava que iria apenas receber as respostas das perguntas as quais eram lançadas e assim poder repensar a prática da inclusão, porém recebi bem mais que isso, pois esta oportunidade que tive me levou a aspectos profundos da vida desses alunos, que por muito tempo foram excluídos e marginalizados, o que fez com que eu me emocionasse. Penso que só agora compreendo o quanto é importante para os professores, aprofundarem o olhar a respeito do dia a dia de seus alunos (dentro e fora da escola). Idéia esta que se complementa com o pensar de Montoan (1989, p. 156) ao afirmar que:

O professor precisa conhecê-los um a um e traçar deles um perfil. Esse perfil serve para a elaboração de atividades e interações que venham ao encontro do que o aluno necessita para a sua evolução. Assim sendo, o seu traçado não se restringe a um único aspecto do desenvolvimento, mas ao sujeito por inteiro.

O professor deve estar ciente de que no processo ensino-aprendizagem intervêm fatores vinculados ao sócio-econômico, educacional, emocional, intelectual, orgânico e corporal. Ao traçar um perfil de cada aluno, o educador poderá interagir com os mesmos, desencadeando na sala de aula um processo de motivação, proporcionando com isto uma aprendizagem significativa.

De acordo com Fini (1999, p. 75):

Ao sugerir que se pretendemos que o aluno possa ter o melhor aproveitamento possível das oportunidades escolares, e superar eventuais situações e rendimento escolar insatisfatório, é importante que sejam os mesmos acompanhados com o maior cuidado. O aproveitamento pode muitas vezes, estar sendo prejudicado por fatores diversos, desde aqueles relacionados à família, até aqueles relacionados ao próprio professor.

No grupo pesquisado foi possível evidenciar, que os professores estão despreparados para receber os alunos com deficiência, apesar de interessados em buscarem meios de integração, os mesmos sentem dificuldade em colocar em prática as sugestões recebidas, devido a falta de material pedagógico. Dois professores fizeram curso voltado a inclusão, porém deixam claro que sentem falta

de estarem atualizados, pensam que todos os professores deveriam passar por um curso de habilitação.

Além da falta de formação profissional para atuarem na inclusão, os professores disseram que quando recebem um aluno com deficiência na sala de aula se sentem impotentes por não poderem dar uma atenção especial a ele, já que as turmas têm um número significativo de alunos, além do que deveria. Em relação a isso, Sisto *et. al.* (1999, p. 186), comenta que:

As classes superlotadas também podem dificultar o estabelecimento de relações empáticas entre educador e sua classe. Fica difícil para ele saber as particularidades de cada aluno e ele acaba se tornando um ótimo 'cão de guarda' de seus ensinamentos. Preocupa-se mais em realizar provas para medir, selecionar e punir crianças que não conseguem acompanhar a classe do que em estabelecer estratégias para educá-los convenientemente.

Os doze professores foram unânimes em afirmar que a teoria se difere da prática, para haver inclusão deveria haver primeiro preparação e não apenas deles próprios, mas da escola em geral. Em relação aos cursos, alegam a dificuldade em conciliar os horários e o valor que têm que desembolsar, bem como “desabafam” ao dizerem que nunca imaginaram ter que trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, que quando se formaram, não optaram por Educação Especial.

Três professores disseram que têm uma aluna com DM (deficiência mental) e que às vezes esta chega a dormir (devido aos remédios) em sala de aula, além de estar a três anos na sexta série, que ao invés de progredir, tem regredido diariamente.

Uma professora que tem em sua turma um aluno, cuja síndrome que apresenta, tem como característica um comportamento agressivo, com gritos e descontrole, questionou a lei, disse que este aluno tem direito de estudar em uma escola regular, mas que os outros vinte e dois alunos que estudam com o mesmo, também têm o direito de aprender, porém o comportamento deste menino atrapalha a aula. Relatou também que o aluno precisa de fonoaudióloga, mas que não há na rede, profissionais suficientes para atender a demanda.

Em relação à falta de especialistas (fonoaudiólogo(a), psicólogo(a), neurologista, etc.) para atender aos alunos que necessitam, os professores lastimam, pois acreditam que se estes alunos tivessem os atendimentos que

necessitam, os resultados na sala de aula seriam diferentes, haveria progressos significativos.

Pelo que percebi, ao lado de alguns professores que “abraçam” a política da inclusão escolar, há os que a vêem com temor, os que a toleram e os que a rejeitam.

Os educadores, gostando ou não, terão que acolher o novo paradigma educacional, portanto é fundamental que reflitam sobre o que é ser educador, bem como se conscientizarem da importância que fazem na vida de seus alunos.

De acordo com Fachini (1997, p. 54):

A relação professor-aluno se dá sobretudo a nível subconsciente. Lozanov dizia que o aluno capta os sentimentos do professor a seu respeito, e que o grau de aprendizagem está estreitamente vinculado a uma ligação mental de subconsciente a subconsciente entre ambos.

No grupo estudado foi possível evidenciar, que os professores sentem-se sobrecarregados de responsabilidades que não caberiam somente a eles, como por exemplo, o progresso ou não do aluno, em relação ao processo ensino aprendizagem.

Creio que a responsabilidade de concretizar o que está previsto e escrito é de todos que acreditam em uma educação democrática, através da busca de efetivas ações.

Considerando a profundidade das respostas obtidas, não consegui limitar meu pensamento, nem tão pouco concluir meu trabalho, percebi que existem muitos aspectos exploratórios referentes a esse assunto. As respostas que recebi, fizeram com que eu refletisse; o que me causaram novas inquietações em torno das descobertas até aqui realizadas e isso conseqüentemente me levará a novos estudos, tendo essa como base. Apesar de meus escritos neste trabalho terem sido encerrados, minha pesquisa continuará em prol da inclusão, já que muitas indagações se fizeram presentes nesta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. B. **Do especial ao inclusivo? Um estudo da proposta de inclusão escolar da rede estadual de Goiás, no município de Goiânia.** Campinas: Faculdade de Educação. 204f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Campinas, 2003.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: introdução.** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BELISÁRIO, J. **Ensaio Pedagógicos: Construindo Escolas Inclusivas.** Brasília: MEC SEESP, 2005.

FACHINI, Ivo. **Neurônios Dourados.** Blumenau: Eko, 1997.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. **O construtivismo e a educação.** Porto Alegre: Mediação, 1995.

GLAT, Rosana. **A Integração Social dos Portadores de Deficiência: Uma Reflexão.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Integração Escolar de Deficientes Mentais: Um desafio, um projeto.** (SNT)

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais.** Traduzido Windyz Brazão Ferreira. Editora Artmed: Porto Alegre, 2003.

STAINBACK, Susan & STAINBACK, Willian. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Vivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

SISTO, Ferminio Fernadez, OLIVEIRA, Gislene de Campos, FINI, Lucila Diehl Tolaine, SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de, BRENELLI, Rosely Palermo (org.). **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar.** Petrópolis: Vozes, 1999